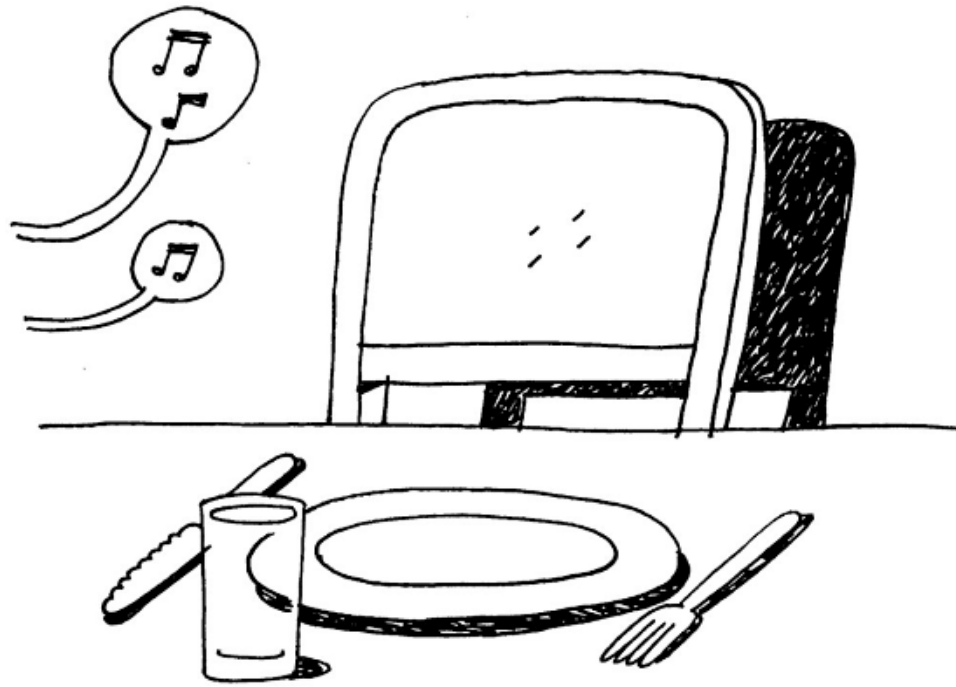


Desculpe, meu pai não é um número

» VALDIR OLIVEIRA
Superintendente do Sebrae no DF



G O M E Z

Isso não pode se transformar em disputa. Não posso crer que o falecimento de meu pai seja pauta para uma disputa de quem quer que seja. A nossa dor não tem número, nem coloração de disputas por quaisquer que sejam os motivos. Nossa dor é fruto da perda, do vazio, da saudade que ficou e do sentimento de impotência, por não termos protegido aquele que nos protegeu a vida toda. É esse o sentimento de quem perde um ente querido para esse vírus, de ter falhado na proteção de quem era mais frágil.

Vão ficar a saudade e a lembrança. Os momentos em que sua verdade era sempre maior que a minha e que dizia como deveríamos seguir. Aquele momento que mostrava com sua experiência o que deveríamos fazer, mas que nos dava a segurança de que ele estaria junto para resolver. Meu pai sempre foi assim, alguém que resolvia, junto conosco, os nossos problemas. Como cantarolava com seu cantor preferido, “naquela mesa ele contava sempre e me dizia sempre o que é viver melhor”. Se ficou a sensação de falha na proteção, ficou o aprendizado de seguir protegendo aqueles que amamos.

Se essa pandemia nos trouxe algum ensinamento, foi a necessidade de sermos mais empáticos e solidários. Ninguém vai resolver uma dor se não a estiver sentindo. Não são ações burocráticas, muito menos estudos estatísticos, que vão confortar a dor de quem está sofrendo o va-

zio deixado por esse vírus. Não temos explicações racionais para um sofrimento de emoção. Claro que aqueles que estão no combate a essa pandemia devem se apoiar em estudos e informações científicas necessárias a essa luta. Mas as baixas dessa guerra devem ser tratadas na emoção. A dor deve ser sentida e amainada por quem nos lidera.

Só a solidariedade nos fará vencer essa crise, porque não nos resumimos a números estatísticos. Somos pessoas, com sentimentos humanos que nos fazem sofrer. Algumas vezes, o impacto é maior que a agressão física. A dor que senti com a perda de meu pai foi física. A dor que senti ao sair daquela UTI, onde fiz minha despedida, foi de uma intensidade física, como se tivesse cortado meu coração. A dor que senti quando vi meu pai perder a batalha contra um vírus, e que eu não pude evitar, foi um corte na carne sem anestesia. Foi uma dor doída demais. Essa dor não pode ser apenas um número.

Não é fácil processar essa perda. Caí, mas caí de pé. Sigo firme na trilha da vida para cumprir a minha caminhada. Tenho páginas em branco para colorir, como me ensinou Toquinho em sua canção. Hoje eu vou cantar para o meu pai a canção que vi tantas vezes ele cantar para mim: “Pai, nos seus olhos era tanto brilho que mais que seu filho eu virei seu fã”. Segue em paz meu pai, aqui vamos continuar a nossa jornada.

Dialética destruidora

Quem viu as imagens mostrando gigantescas nuvens de poeira a tomarem de assalto muitas cidades do interior de Goiás, São Paulo e Minas Gerais, escurecendo o dia e cobrindo tudo com o manto sujo do pó e da fuligem, pôde sentir que algo extraordinariamente anormal entrou em cena. Pior para aqueles que sentiram na pele e nos pulmões o irrompimento do fenômeno macabro.

Para eles, ficou a certeza de que um novo e angustiante tempo foi inaugurado, como se alguém abrisse, de repente, uma fabulosa caixa da Pandora e, de lá, emergissem os ventos de um inferno cuidadosamente preparado desde o surgimento da primeira máquina a vapor. Para céticos e todos aqueles que não se cansam de usar o cotidiano para chicotear a realidade corrompida pelas redes sociais, o que os *cumulus nimbus* de poeira estão a anunciar é a chegada definitiva do progresso na agricultura, não um progresso qualquer, mas um tipo especial que veio de mansinho, como os políticos nacionais, prometendo fartura e lucros para todos.

Para que todo esse desenvolvimento se tornasse possível, seria preciso romper de uma vez com as antigas práticas da agricultura familiar e com os velhos ensinamentos adquiridos, por séculos, pelos camponeses. A começar pelo fim do respeito ao meio ambiente, à rotação das culturas e à diversificação das espécies. Terminar com a ideia de que a manutenção dos veios d’água são necessários. Acabar com essa mania de produzir adubos a partir do que sobra na lavoura e dos excrementos dos animais.

Dar um fim às práticas de manutenção de uma espécie de ciclo completo dentro da terra, aproveitando os resíduos, produzindo bens sem o envenenamento por pesticidas e outros produtos químicos. Enfim, se libertar do passado e abraçar a nova agricultura, que vem com o nome pomposo e estrangeirado de agrobusiness. Com sementes geneticamente modificadas, adubos e defensivos proibidos noutros países, importados e que vão envenenar tudo, mas que prometem colheitas nunca vistas.

Esse é o progresso brotando no campo e dando um chega para lá nas modas antigas. Ele traz máquinas gigantescas que vão “limpar” o horizonte do mato secular, plantando em seu lugar monoculturas a perder de vista, que poderão muito parecer com o antigo milho, mas que tem nome batizado por letras sem nexos e números, tudo num código estranho.

Quem pode admirar esses gigantes de poeira e tem os olhos postos nos ensinamentos de um passado, em que as ideias não envelhecem, pelo contrário ganham força viva no presente, logo pode se lembrar da frase, um tanto enigmática, proferida por um pensador de nome Karl Kraus (1874-1936): o progresso vinha com o avanço inevitável da poeira. Queria, assim, assinalar exatamente o que vem ocorrendo agora no interior do nosso país.

São as frentes de rajada, nome estranho para um fenômeno que veio anunciar a chegada de um tipo de progresso que surge na esteira da Revolução Industrial, mas que coloca países como o Brasil na condição antiquada de colônia ou fornecedor de bens primários, mesmo às custas da destruição completa do meio ambiente e que opera segundo as regras de um deus ex machina, que virá para resolver o impasse e a contradição entre a produção de bens pela dilapidação do meio que a possibilitou, numa espécie de dialética do mal.

»» A frase que foi pronunciada

“O objetivo final da agricultura não é o cultivo de safras, mas o cultivo e o aperfeiçoamento dos seres humanos.”

Masanobu Fukuoka

Doação

» Ainda dá tempo de doar lixo eletrônico para o colégio Maristinha. A intenção é consertar o material descartado para uso da meninada de baixa renda. Fale com a coordenadora do projeto Valéria Oliveira pelo 99231-1923.

Sem política

» Clubes da cidade têm visitantes indesejados que deixam para trás enorme quantidade de detritos. Não é possível que essa situação perdure por muito tempo. Não há controle do animal nem dos carrapatos que ele também espalha por onde anda.

Criança

» Iniciada a mobilização para o Dia das Crianças. Os batalhões da PM e algumas administrações da cidade começam a recolher brinquedos usados ou novos para distribuir para a meninada de famílias vulneráveis.

»» História de Brasília

O supermercado da 305 parou de novo. Cada vez que a gente dá uma nota, as obras reiniciam, e depois param outra vez. (Publicada em 10/2/1962).

Adotar crianças importa

» ALDO PAVIANI
Geógrafo e professor emérito da Universidade de Brasília

Especializada para População em Situação de Rua (Centro Pop), três Unidades de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, pelo Programa Bolsa Família etc.

Como se pode notar pela estrutura existente no governo do DF, nada indica a inexistência de problemas para “acolher” e dar a devida atenção a pessoas carentes, em situação de rua e com problemas de ordem econômica e social. Isso, na linha administrativa e organizacional. Na situação real, o que se vê são pessoas com carências multifacetadas e diversas, pois se encaixam em muitas dessas especializadas de acolhimento. Para saber-se qual é a real dimensão da violência em que se incluem, somente uma pesquisa de campo poderá esclarecer. Há diversos pontos de “abrigo informais” (sob as marquises de prédios comerciais, sob árvores frondosas e no interior de passagens de pedestre do Eixo Rodoviário, entre outros locais). Também há pessoas ao relento, em que idosos, jovens e crianças se encontram. A partir da pesquisa, selecionam-se as crianças com possibilidade de adoção para encaminhamento ao juizado competente. O processo iniciaria e teria como finalidade encontrar famílias dispostas à adoção.

Os adotantes, em muitos casos, não são pessoas abastadas, mas da classe média e média baixa, que têm sensibilidade com os que se encontram na orfanidade, abandonadas ou distantes de seu local de moradia, ficam ao desabrigo como descrito. Em alguns casos, casais, com um ou dois filhos, desejam adotar mais alguns, pois

poderão dar educação e toda a atenção a todos eles. Assim, assumem responsabilidades com vantagens para todos: os adotantes que cuidam de crianças necessitadas e as haverão de educá-las e protegê-las. Os jovens adotados terão os benefícios e oportunidades de se educarem e condições de melhor vida futura. Por isso, a adoção, facilitada pela Vara da Família, poderá ajudar os governantes, pois não terão os encargos sociais que os abandonados lhes trazem.

Assim considerando, pode-se sugerir que se constitua um bônus como incentivo a quem for adotar uma ou mais crianças ou jovens órfãos ou abandonados. O benefício será estímulo para os que adotam e alívio para as autoridades que, sem isso, teriam que arcar com as demandas dos que se encontram em situação de rua ou em péssimas condições de vida. Acredita-se que os legislativos estaduais e municipais ao debaterem todos os ângulos da adoção, não terão dificuldade em estabelecer legislação e de indicar verbas para esse destino humanitário.

Igualmente, o Congresso Nacional poderá avaliar se o orçamento federal permite disponibilizar verbas para a adoção ou se os deputados consideram ser mais viável transferir os recursos diretamente para os governadores e prefeitos. Essa iniciativa parece ser a mais plausível, porque os recursos estarão em condições mais próximas e mais apropriadas de aplicação. A solução virá após o debate com os entes envolvidos. Contudo, não poderá haver muita delonga em se tratando de atender urgentemente algo que parece oculto e nebuloso no meio urbano.

Em 1º de outubro de 2021, o Brasil teve 492 mortes por covid-19, sendo a menor média móvel desde 14 de setembro último, segundo o consórcio de veículos de imprensa. A análise é de que o número de mortes vem caindo, o que pode representar o alívio no controle dessa pandemia e uma volta à normalidade. Um deles foi o meu pai. Sim, em 1º de outubro de 2021, tivemos o meu pai e mais 491 vítimas desse vírus maldito. Um homem que lutava contra sérios problemas de saúde, mas que queria viver. Combateu o bom combate, mas não resistiu à última batalha contra esse vírus, que provoca uma morte indigna para quem vai e um sofrimento indigno para quem fica.

Meu pai não é um número na estatística; é pai, avô e marido que ainda tinha um final de história a concluir. Sua vida era um livro que ainda restavam poucas páginas em branco, que ele lutava para colorir, como disse Toquinho na música *Aquarela*. Não consegui. As últimas páginas ficaram em branco, porque ele não conseguiu vencer a última batalha.

Cresci vendo meu pai ouvir o cantor Nelson Gonçalves. Sua voz firme traduzia emoções que meu pai incorporava como se dele fossem. Deitado em sua rede, ele ouvia a dor da saudade interpretada por meio da canção de Sérgio Bittencourt, *Naquela mesa*. Ele lembrava do irmão que se fora prematuramente e se emocionava, com seus olhos marejados cantarolando “naquela mesa tá faltando ele e a saudade dele tá doendo em mim”. Não imaginei que ouviria essa música sentindo a dor que ele sentiu. Eu senti. Doe, e muito.

Nosso almoço de domingo não foi completo. Quando sentamos à mesa, minha mãe e meus irmãos, lembrei da música que ele, emocionado, entoava para mim, com a voz embargada, dizendo “naquela mesa ele contava história que hoje na memória eu guardo e sei de cor”. Faltou ele na mesa nesse domingo. Se Nelson Gonçalves pudesse cantar o que eu estou sentindo agora, ele diria “se eu soubesse o quanto dói a vida, essa dor tão doída não dói assim”.

Essa pandemia não é só número e ciência. Essa pandemia é dor. As vítimas desse vírus, sejam os que foram a óbito ou os que ficaram sequelados, são pais, filhos, avós ou amigos. São entes queridos que deixam um vazio que não será preenchido por um discurso oficial de projeções estatísticas para acalmar a população. Quem sofre, sente a sua dor no peito e precisa de uma acolhida. Se temos quase 600 mil vítimas de covid-19, temos milhões de pessoas atingidas pelas consequências dessa crueldade que todos os dias nos surpreende com formas novas de ataque.

Recentemente, a imprensa divulgou que uma família italiana adotou dois garotos brasileiros. Gesto que não foi o primeiro e, com certeza, não será o último. Adoções de brasileiros por pessoas de outros países têm sido frequentes e devem deixar alguém preocupado por muitas razões. Uma das possibilidades é a de que os brasileiros devem ser os adotantes de seus pequenos patriotas que estejam em situação de vulnerabilidade por serem pobres, por terem ficado órfãos, abandonados ou achados na rua sem ter onde morar. Será desnecessário argumentar que, em todas essas situações, as crianças ou jovens necessitam de amparo e de condições de serem abrigados com dignidade de um ser humano.

Não será difícil encontrar jovens ou crianças em situação crítica como as descritas, mesmo porque, nos últimos anos, aumentou o número de pobres e miseráveis, de famílias inteiras morando em barracas de lona, sob o sol escaldante, de sol a pino durante o dia e de frio intenso, à noite. Na capital do país, não muito distante da Praça dos Três Poderes, há pessoas nessa situação, o que não condiz com um grande país, líder continental. No caso de Brasília, considera-se que há instrumentos político-administrativos para atender os mais necessitados. A Secretaria de Desenvolvimento Social no Distrito Federal (Sedes) tem, em sua estrutura, entre outros: 27 Centros de Referência da Assistência Social (Cras), 11 Centros de Referência Especializada de Assistência Social (Creas), dois Centros de Referência